

ANC X

O bloco do Justo Veríssimo

ANC

B3

SPECIAL

Augusto Nunes

PAINÉIS espalhados às margens das avenidas de Brasília e cartazes colados nas paredes do Congresso anunciam a formação de uma poderosa aliança: "Constituinte: 292 votos e uma só vontade." A cifra, informam painéis e cartazes, é o resultado da soma das bancadas dos estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. E os integrantes do bloco parecem unidos pela vontade de mostrar aos colegas do Sul-Maravilha com quantos parlamentares se faz uma Constituinte com forte sotaque regional. Fortíssimo.

Num ensaio famoso que saudou o lançamento do livro *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, Tristão de Athayde avisou: "romancista ao norte". Já há algum tempo não vem de lá um grande escritor. O que tem vindo, e aos borbotões, é pai da Pátria. Favorecidos por truques eleitorais engendrados pelo regime militar, que operou o milagre da multiplicação das bancadas da parte de cima do mapa do Brasil, esses 292 parlamentares hoje são majoritários na Constituinte. A parte de baixo que se cuide.

O barulho já começou, sem que tenha sido necessário, por enquanto, mobilizar o bloco todo: por enquanto, basta o esquadrão avançado com direito a voto na Comissão de Sistematização. Uma emenda ali apresentada, e examinada há poucos dias, procurava corrigir uma deformação segundo a qual nenhum estado, seja qual for o tamanho de seu eleitorado, pode ter mais que 60 deputados. Nessa aritmética da esperteza, o voto de um acreano, por exemplo, vale 22 vezes mais que o de um habitante de São Paulo. Pelos critérios da sensatez, os paulistas deveriam eleger 115

deputados. A emenda não ia a tanto: modestamente propunha apenas 80.

Pois foi prontamente fuzilada na Comissão de Sistematização — com a pressurosa e desconcertante colaboração de boa parte da bancada de Minas Gerais, outro Estado garroteado pelo limite cabalístico dos 60 representantes. Plantados entre as duas metades do Brasil, os mineiros preferiram juntar-se à parte de cima e combater o perigo encarnado pelo imperialismo paulista. Como São Paulo não pode ser declarado inconstitucional, é preciso ao menos aparar-lhe a crista.

É compreensível que um grupo de constituintes resolva unir-se em defesa dos interesses das regiões que representam. Mas é odioso que o façam à custa de agressões a um estado que é hoje um resumo e um mosaico das muitas nações

de brasileiros — só na capital paulista, por sinal, vivem alguns milhões de nordestinos, reduzidos a eleitores de segunda classe por seus próprios conterrâneos escarrapachados nas poltronas do Congresso. E, se é certo que muitos dos 292 parlamentares do bloco efetivamente se preocupam com a má saúde econômica de seus estados, também é evidente que dezenas deles pensam exclusivamente em suas carreiras, dispostos a tudo para esticá-las.

Olho nesses: outros coelhos podem sair de seus chapéus-de-couro. Uma emenda patrocinada pelo senador Marco Maciel, por exemplo, estabelece que será eleito Presidente da República o candidato que obtiver mais votos na maioria dos estados. Nessa fórmula, um candidato poderá perder para outro por uma diferença de dez milhões de votos, graças ao massacre sofrido nas gordas urnas ao Sul, e ainda

assim tornar-se presidente: bastará ter vencido em 13 pequenos estados. Se a idéia vingar, um nome escolhido pelos 292 parceiros de vontade terá boas chances de chegar ao Planalto (pela porta dos fundos, mas isso pouco importa).

Por que não o deputado Justo Veríssimo? "Eu quero é me arrumar", vive dizendo Justo Veríssimo pela voz do humorista Chico Anysio. E precisamente isso o que pretendem muitos integrantes do bloco. Alguns se contentam com a utilização do poder político para a nomeação de penças de afilhados. Outros se besuntam com mordomias (que incluem, eventualmente, o saque das geladeiras postas nos apartamentos de hotéis cinco estrelas, requinte em que se tem destacado um ágil senador). E há os que simplesmente querem fazer do mandato uma gazua.

Olho neles, enquanto é tempo.

